



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO ADMINISTRAÇÃO E PROPRIET.

Casa do Gaiato do Pôrto
PAÇO DE SOUSA

Director e Editor

PADRE AMÉRICO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Tip. da Casa Nun'Alvares

R. SANTA CATARINA, 628—PORTO

Sucursal da Casa do Gaiato

E' na rua D. João IV n.º 682, aquela que tinha sido da Duquesa de Bragança e que foi dos Heróis de Chaves e que está muito sujeita a mudar outra vez de nome, porquanto os homens, assim como são, querem que sejam as coisas que deles dependem.

Já fiz contrato de arrendamento. A Casa é muito grande, mas para obras destas, tudo é pouco, e toda a pressa é vagar. E agora aqui me tens aos teus pés, em atitude humilde e pacífica, a comunicar que dentro em breve ali teremos o lume das nossas fundações, atizado por uma comunidade infantil, para aquecer e alimentar os deles que trabalham e que estudam. Preciso de tudo quanto é necessário para equipar a nossa Casa,—tudo.

A chave está no 628 de Santa Catarina. Podes ir ver, medir, calcular. Espero.

A casa não está ainda habitada, porque a pequenina comunidade que a há-de abrir só daqui a algum tempo pode tomar posição

Oleo de fígado de bacalhau

Nem eu sabia que os bacalhaus tinham tanto oleo!

Já temos 100 litros para a Casa de Paço-de-Sousa, 30 litros para a de Miranda e ouço dizer que não é tudo!

Estou contente. O frio e o oleo não-de dar sangue e côr à nossa tropa.

DOCTRINA SOCIAL

COMEÇAMOS hoje a publicar em «O Gaiato» as «charlas» que foram lidas no dia 10 do corrente, nos diferentes postos emissores da cidade. Elas eram sete, mas sómente seis foram lidas, que um pôsto não me abriu a porta. Não é doutrina nova; é a do Sermão da Montanha, cuja novidade consiste no ter deixado de ser praticada. Ora escuta a palestra da Idial Rádio:

Senhores ouvintes que neste momento estais atentos à palavra deste pobre de Cristo; eu trago à presença de cada um de vós a mensagem do pequenino da rua; daquela infinita legião dos incognoscíveis; que imerecidamente sofrem o abandono de todos e para os quais, até à data, não se encontrou melhor assistência, do que o remédio dos albergues, e o negrume dos aljubes. Eu trago de mando deles a mensagem de luz e de esperança, que é o nosso método de amparar, de assistir, de compreender, de amar ao infinito estas adoráveis crianças, que guardam dentro do peito, desejo infinito de ser amadas.

Nós já somos uma comunidade de 70, instalados na aldeia dos rapazes, em Paço de Sousa, que se chama a Casa do Gaiato das ruas do Pôrto. Começamos no mês de Abril do ano passado, data em que tomamos conta duma quinta arruinada, onde parece que tinham habitado os FIDALGOS DA CASA MOURISCA. Levantamos muros, fizemos socalcos, abrimos caminhos, surribamos terrenos, fomos buscar água a 2 quilómetros de distância e começamos a levantar os edificios da nossa «ALDEIA». Os nossos pequeninos, ontem vadios das ruas, falam hoje aos bois, lançam sementes na terra, apascentam os rebanhos, tiram o leite das vacas, cuidam das aves domesticas, cozem o pão no forno, corrijem-se mutuamente, aprendem a conhecer-se, tomam consciência do seu valor, sentem gosto de viver. O nosso sistema exclue absolutamente a costumada engrenagem da burocracia. Nós desconhecemos o regulamento, os uniformes, as ordens do senhor director. Dentro duma encantadora desarmonia, tal qual se vê nas coisas da natureza, os nossos pequeninos encontram a ordem e fazem a beleza.

O lume da lareira é a escola de todos os tempos; a escola da verdade, onde se criam e alimentam as almas sinceras. E' a nossa universidade, onde os nossos pequeninos tiram o curso de homens de bem. Nos dias de cozedura, que tem lugar trez vezes por semana, a nossa casa do forno é um clube de amor. Uns aquecem o forno, outros amassam, outros tendem, o Sérgio, que é o mais velho e o que impera sobre todos, faz com a sua mão pequenos bolos de massa para distribuir pelos mais pequeninos, que estão a contar com eles. Não se escondem para praticar o bem. Não temem o desfalque da farinha. Eles bem sabem que não damos contas a ninguém e que estamos fora e acima de todo o racionamento. A caridade vive de outras contas que o mundo não sabe fazer e que batem sempre muito certo. As que os homens fazem é que são erradas.

Precisamos de quem nos ajude a concluir o plano geral da «aldeia». Ele consta de 18 casas de habitação, de um edificio para oficinas, de um dito para escolas, de um outro para enfermaria de uma capela, de um balneário, e da casa mãe, onde temos o refeitório comum e habitação dos orientadores. O conjunto comporta uma população de 250. Os que já hoje se sentem salvos, querem ir às ruas do Porto salvar os que lá ficaram. A obra de redenção há-de ser operada pelos redimidos. Nós aproveitamos entre o lixo das ruas as vocações intellectuais. Alguns andam já a estudar nas escolas públicas. Com um curso superior, eles ficam a ter mais autoridade para serem os sucessores desta obra e formarem uma barra na nossa aldeia contra a cobiça dos inimigos, que muitas vezes se apresentam com peles de cordeiro—e são lobos.

Tôda a gente conhece esta verdade. Pouca gente tem a coragem de a dizer. Sim. Vocações intellectuais no lixo das ruas. Os famosos

Notas De viagem

Fui por aí abaixo até Lisboa, com escala por Coimbra. Era no de prata. Em S. Bento, encontro-me com um Rapaz muito simpático, que antes me fora apresentado por um Rapaz tão simpático como Ele, ambos do Pôrto e chefes de famílias.—Olhe que você toma café comigo.

Sim. Tomamos. Fizemos um pequenino parlamento de tal sorte que o creado vem pôr a mesa para o almoço e nós em plena conversa!

— Vocês não sabem o bem que fazem à gente quando celebram Missa com presença

Nem aquele Rapaz sabe o bem que me fez, a mim celebrante, no aviso que nos deu a nós, celebrantes. Tal a força do Acto, que faz da assistência actores!

Fiquei em Coimbra. Despedi-me com saudades. Os farrapõisitos de Atenas são às chusmas.

Levava comigo senhas da cozinha económica e disse a um deles: *toma lá estas três senhas.* O garoto desata a fugir, de contente, e daí a nada, regressa no mesmo passo: *olhe, deu-me 4!* Quem é assim fiel nas coisas pequenas, espera-se que também o seja nas grandes.

Estive no Lar de Coimbra, fui acima à Casa de Miranda, e tenho muito gosto em comunicar a vobelencias que tudo vai bem.

Agora é o Rápido, no lanço Coimbra-Lisboa. Quando estava posto em sossego num cantinho e me preparava para sonhar, um Senhor bate-me no ombro e chama-me ao corredor: *olhe, desculpe. E' uma promessa: a primeira vez que o visse, em qualquer lugar que fosse, dar esta nota.* Cumpriu. Sei que é do Porto mas não sei mais nada. Todos querem ser *Ninguém* diante da Obra da Rua. Oh grandeza de humildade, que queda silenciosa em presença das obras que servem os Humildes!

Chegado que fui, preparei-me para a via dolorosa dos Ministérios, na Igreja de S. Domingos. No altar, recordei o aviso do companheiro de viagem: *celebre com presença!* Andei por lá 3 dias. Um senhor dos Ministérios quiz que eu fosse almoçar amanhã a casa, mais a família.

—O' meu senhor, por cinco contos. Foi justamente quanto me deu hoje

O RA olhe como cheira bem?
—Ai que rico; que é isso!
—Foi um sabonete que eu comprei no Pôrto por cinco tostões.

Isto foi a notícia que me trouxe um dos nossos gaiatos, enquanto chegava a cara dele à minha para eu cheirar. Quando usufruía a falsa liberdade das ruas, no deplorável sem-rédias de ninguém, este rapaz fugia à escola, à catequese, à família. Era mentiroso, dissimulado e roubava dinheiro para fumar. Hoje vai ao Pôrto aviar um recado, gasta dinheiro do que leva para as compras, compra sem minha ordem um sabonete, e naquela luz de sinceridade em que hoje vive, o maltrapilho de ontem quer que eu goze o perfume do seu rosto, refl. xo da limpeza da alma. Não inventa. Não esconde. Não mente. *Comprei um sabonete por cinco tostões.*

Ainda é muito cedo para julgar dos frutos da nossa obra; ela tem quatro anos de idade. Não é lícito pensar que todos os frutos não-de ser bons, por quanto a maioria das árvores que os deram, não são muito de aproveitar. Mas a atitude deste pequeno é uma esperança. Se eu for capaz de incutir na alma dos nossos pequeninos, enquanto são pequeninos, a fealdade que a mentira tem e a peste social que ela é, tenho feito algo de grande no mundo, e a participação dos que me ajudam é muito bem aplicada.

FOMOS ontem ao Pôrto, Periquito mais eu a cumprir a promessa. Fazia um dia de sol, como era necessário que fosse a hora do prêmio e a alegria do premiado. Veio o serviço de chá e bôlos. Periquito não sabia determinar-se. E' sempre assim. Estes catraios aceitam alegremente o que se lhes dá. Porém, colocados diante da profusão, não sabem escolher e tem a gente de lhes dar. Foi assim que eu fiz com os bôlos.

—Quanto é a conta, perguntou o Periquito?

—São dez e quinhentos.
O rapaz puxou de uma nota de vinte que alguém lhe dera justamente naquela tarde e para aquêlle fim, e saldou.

A' noite, em casa, foi chamado para relatar à malta. Disse, e no final, sem eu esperar tanto, acrescenta:—e os meninos se fizeram boas acções também recebem prémios chegada a occasião.

Há dias, estiveram aqui em casa uns visitantes da Granja, onde o Periquito fôra terrível e pasmaram do aprumo. Também eu pasmo!

ONTEM, na cidade do Pôrto, recebi mais uma prova de que o nosso Bom Deus é tão generoso hoje como sempre—*Ipe in salcula*. Dentro de uma pequenina hora, na Baixa recebi sem medida e distribuí sem medida, absolutamente esquecido dos encargos de Paço de Sousa e de Miranda, como quem tem os pássaros na mão.

Foi nas lojas, nos escritórios, na rua, nas igrejas—*tome lá*. E da mesma sorte e igual medida foi pronunciado e ouvido o meu *aqui tem*. São os que levam na frente a marca do trabalho, ajudados pacíficos, à espera de dias melhores. A vadiagem profissional, essa é um triste encargo da nação; membros doentes do nosso corpo, que p. la sua natural antipatia, trazem consigo maior desgraça. Quanto a esses, basta-me a canseira de procurar todos os meios, para que os pequeninos de hoje o não sejam amanhã;—e passo à frente.

Uma mulher do nosso povo, que tem o homem na Relação e vende fruta pelas portas vem-me contar a história:

—Olhe; é o número da camp!

Tira do peito um cartão e mostra o seu grande tesouro—as saudades do filho que lhe morrera há dias! Daqui a pouco o Pôrto é meu. Tenho a certeza absoluta de que naquela medida em que eu escutar as histórias destes filhos de ninguém, desperto no coração dos filhos de algo, o desejo de me contarem as suas. Ora isto chama-se conquistar.

OSérgio foi à feira comprar uns bois, que vêm à experiência. São amarelos, muito mansinhos, muito bem feitos;—só lhes falta o falar. Uma hora depois, ouvia-se dentro de casa um alarido de botar abaixo. Saí a ver o que era. Que havia de ser? Os bois atrelados a um carro de estrume, encosta fôra, e a malta do campo a berrar de contente.

—Olhe os nossos bois, que puxam aqui como dois homens!

E lá seguiram pela nossa avenida da aldeia, conduzindo o estrume para o sítio das sementeiras. Ontem, eram das ruas.

Noticias Diversas

Não faziam festas a nada, nem eram festejados por ninguém. Hoje, andam sempre em festa!

MANDEI o Alfredo aviar um recado ao Pôrto.

—Encontraste alguém da tua gente?
—Não senhor. Mesmo que encontrasse, não ligava!

Este é aquele gracioso petiz que roubava dinheiro e ia fazer patucadas ao *Capôta*, como já teve occasião de confessar aqui, espontaneamente. Tem onze anos.

Ontem, Mário e António, queixaram-se de lhes haver desaparecido uma saca com pinhões. A' noite indagou-se. Alfredo, o mentiroso de ontem, levantou-se da mesa, vem ao meio e acusa-se tim tim por tim tim. Mal êle sabe a alegria que me causou! Recebeu um pau de chocolate, não por ter ido aos pinhões de ontem, mas pela sinceridade da confissão.

Nós fazemos cavalo de batalha da mentira e vamos buscar os nomes mais feios para a cognominar. Servimo-nos de imagens tenebrosas, de tintas denegridas, tudo quanto possa horrorisar estas creanças geradas nela. Dizemos que Satanez é o pai da mentira, e nisto ensinamos a doutrina do Mestre, aquela mesma que por ser d'Ele, ha-de necessariamente calar fundo na alma de quem escuta e a seu tempo: frutificar. Claro está que esta *política* de meter medo à mentira, não basta. Isto seria o papão da casa, se a gente não desse às crianças a fôrça da verdade na mesa, na cama, nas roupas, nas promessas, nos avisos, nos conselhos,—nas coisas mais pequeninas. A' fôrça de verem a verdade e só porque a veem, êles começam de a amar e de aborrecer a mentira.

Quantas vezes não é a mão fechada do avarento, que causa a mentira no pobre de pedir; quantas?! Quem fechar as mãos podendo abri-las, mente. Ora a mentira gera a mentira.

Tenho tanta dôr de ter mandado infligir um castigo ao nosso Tiro-liro, por causa de êle ter aberto uma gaveta,

retirado um pacote de chocolate e de negar a pés juntos!

Foi uma hora de lágrimas, dêle e minhas. Ficou tam humilhado o pobre rapaz! Deu-se tanto realce ao acontecimento, e tanta publicidade!

Não vou já pôr as mãos no fôgo pelo Tiro-liro, mas creio que êle já tem a necessária confiança em mim, para dizer a verdade, em casos semelhantes.

TEMOS duas árvores de diáspiros na nossa quinta. Caíram as folhas, ficou o fruto. Pois bem. Tôda a fruta tem sido respeitada, tanto quanto êles podem. Deauspiros, não. Não valem recomendações, nem apêlos nem ameaças. Eu acho que é pela côr que os rapazes pecam. Amarelos, côr de ouro. Até jo Filipe II foi-me levar a um esconderijo ao pé da árvore e mostrar um fruto. *olhe, cala aqui*. Sim. Caiu porque êle o fêz ali cair! e fingi acreditar e deixei-me «comer» para que êle o comesse!

TEMOS cá uma comissão organizada, para tratar do nosso presépio. E' o Luciano, o Amadeu da Covilhã e o António. Foram nomeados em acto de comunidade; tomam o papel muito a sério. P'los jeitos que leva, ha-de ser coisa de se ver! Eles são artistas e tem ferramentas. Um é serralheiro e dois são carpinteiros.

Compramos as figuras de barro por quatro centos mil reis. Como não temos orçamento nem prestamos contas a ninguém gastamos dinheiro à tôa, com determinado fim de educar.

VEIO agora mesmo aqui o Zé Eduardo, pedir para vender o jornal no Pôrto aos sábados.

—O' rapaz; tu és um cabeça no ar e não vendes nada.

Peditório nos Postos Emissores do Pôrto

Teve lugar, como foi aqui anunciado, a corrida aos postos, no dia e hora marcados. Tudo nos seus lugares: os Proprietários; os locutores; os ouvintes. Alguns senhores da ala dos namorados, quizeram sacrificar o dia inteiro, e um dêles até emprestou o seu carro e pediu autorização para circular, pois que o dia não era da marca. Eu fui de todos o que teve menos trabalho e mais proveito. Os jornais do dia disseram, e é verdade, que o bolo andou por trinta e três mil escudos. Houve notas muito curiosas em dâdivas muito pequeninas. As crianças acudiram em grande número. *Mais tanto do menino X. e da menina Z.* eram os telefonemas de tôda a hora. Outras crianças vinham pessoalmente entregar no local das Emissoras. A chuva daquelle dia, intensa como foi, não meteu medo aos pequeninos apaixonados. Vinham também donativos de pessoas de tôdas as classes sociais, da mesma forma e com o mesmo risco de chuva. Um cavalleiro, deixou uma nota de mil escudos e desapareceu. A seguir vem um homem de condição humilde:—*Tome lá o meu ganho de hoje*. Era uma placa de dez escudos! E muitos. E sempre. E em todos os postos. Vinham igualmente seros andrajosos, com crianças pela mão, pedir um lugar na *Casa do Gaiato*, e regressavam pelo mesmo caminho; nós não temos espaço nem organização, por en-

quanto. Mas num dos postos aparece um rapaz sózioho. Pergunta onde eu estou. Quere falar. Insiste. Dzem-lhe que eu estou ocupado. Que tenho dito aos outros que não. Não importa. O rapaz espera. *Hei-de falar-lhe*, exclama. Falou, disse a história; não t'a digo, para te poupar. E' agora um dos nossos! Para êstes tem de haver lugar. E' o nosso Bom Deus que os envia!

Foi o dia da Casa do Gaiato, aquêlle dia. Dez dêles, venderam nas ruas mil e quinhentos exemplares do nosso jornal. Os postos emissores levaram notícias da obra a milhares de ouvintes na cidade; rajada de paz e de bem! As lágrimas da criança que teve fé e soube esperar a hora, essas foram o selo branco de tão faustoso dia.

Enquanto o clamor dos donativos daquelle dia, ressoa nos fios das Emissoras com a nota pessoal do pequenino *dou para que Deus me dê*, há alguém no Pôrto que, no dia seguinte, vai levar 50 contos ao Banco Espírito Santo, num *dou* sem condições nem restricções, que essa é a maneira como Deus nos dá. Tenho aqui, neste momento, o recibo do Banco, datado no dia 11 do corrente. Um anónimo. Ninguém. O' felicidade de saber dar, canonizada por Deus. Por isso mesmo que soube calar-se, meu senhor ou minha senhora; e ainda porque dá sem pedir,—já recebeu a sua mercê.

—Deixe-me ir que eu atiro-me.
—Não atiras nada.
—Atiro-me sim senhor.

TÍNHAMOS cá um Filipe; o do Seixal. Agora velo outro, um pequenino do Pôrto. Pois num instante se resolveu a confusão de nomes. E' o Filipe II. *O' Filipe II!* Eu não gosto nada; longe andem os Filipes de Espanha. Mas acho graça e deixo correr. O Filipe II é muito pessoal. Com o ser o mais pequenino de todos, basta-se em tudo. Ontem à noite passei por êle, num corredor largo e escuro, e zinho.

—Onde vais, Filipe?
—Vou à minha vida.

Ia à retrete, que fica longe. Outros maiores não se atrevem.

O Filipe II é muito trigueiro e tem olhos castanhos muito brilhantes. A's vezes, aparecem à porta do meu quarto a reluzir.

—Que temos, Filipe?
—Quero chocolate.
E eu dou chocolate ao Filipe.

SUCEDE que certos visitantes gostam de presentear os rapazes, com coisas e com dinheiro. Eles têm instruções rigorosas de não receber, e quasi todos cumprem.

Ontem, foi um dêles a Cête, acompanhar um visitante ao comboio. A' chegada entrou no meu quarto;

—Olhe. Era uma moeda de 2\$50.
—Quem te deu isso?
—Foi aquêlla senhora.

A's vezes, muito instados, por delicadesa aceitam, mas fazem em regra, como fêz com os 2\$50 o Zé Eduardo. Gostei do facto, gostaria muito mais que os nossos visitantes deixassem donativos à casa, sim, mas não dessem nada aos Gaiatos.

O' Parolo, vai fazer as papas. E o Parolo sai da cama a esfregar os olhos, lava a cara e segue para a cozinha do fôrno a acender o lume e fazer as papas. E' a voz matutina do chefe de dormitórios. Ele obedece. Fica tudo pronto de véspera; a farinha pesada, a lenha na lareira entre as panelas e estas cheias de água, tudo disposto pelos cozinheiros. A missão do Parolo é fazer as papas e os refeiteiros servem. Os cozinheiros entram em função mais tarde. Nós usamos papas e leite e assim poupamos açúcar e trabalhamos para a economia nacional.

O Parolo, é aquêlle rapaz que duma vez topei caído em uma rua do Pôrto, com fome. Hoje dá de comer a 70 garotos e come também. Tem muita nomeada na Comunidade. Não é raro ouvir-se, enquanto lavam a cara, o grito amigo—*ô Parolo, olha as papas*.

E agora, por lavar a cara, o Poupa. Poupa é o capataz do sabão. Tem duas obrigações; uma, ver que todos se lavem com sabão. Outra, ver que não estraguem sabão. O *Chegadinho*, como já se sabe, é o capataz dos dentes,—ver que a malta os lave com escôva.

ESTAVA tudo combinado para o Zé Eduardo e Amadeu irem ao Pôrto no sábado vender jornal, e pernôitarem em casa de família amiga, para continuar a venda no Domingo. Eis se não quando o Periquito, vem dizer-me que não leve eu o Zé Eduardo a dormir no Pôrto, pois que me deixará ficar mal.

—Então que há, Periquito.
—E' que êle não é seguro de noite.
—Mas que é?

—Quasi sempre aparece a cama molhada.

Zé Eduardo, que já tinha as contas feitas, vem dizer que não senhor. Que é muito raro.

Que é só quando se deita ce-lo. Periquito, que é chefe de dormitório do acusado, continua na dele:—*Olhe que êle deixa-o ficar mal e é uma vergonha para nós*.

—Tu o que tens é raiva de eu ir. Tu dantes também fazias!

Periquito, muito sereno, escuta e não se defende.

Zé Eduardo, que sente o terreno a desmoronar, não tem mais que dizer ao seu chefe.

—Ele também faz!

Ora aqui é que o Zé Eduardo meteu água. Não é lícito acusar para se defender. Já não era pequena a falta de supor a raiva no Periquito; muito pior é esta de acusar o Amadeu. Este capitul. há-de ser lido em Comunidade e o Zé Eduardo há-de ser chamado ao banco dos réus. A ril também se castiga.

Noticias da Casa de Miranda

Os nossos Pobres

O velhito do Vale Salgueiro tem dito que está pior. A gente combinamos ajuntar o dinheiro para no Inverno mandarmos arranjar os telhados dos pobrezinhos mas principalmente os do Carapinhal porque lhes chove em casa e também ajuntarmos algum dinheiro para no Natal darmos mais alguma coisita aos pobrezinhos. No dia de Finados demos vinte escudos aos pobrezinhos sendo pelas almas e no Natal daremos tudo quanto tivermos. A velhita do Carapinhal só come umas couvitas e umas batatitas que as vizinhas lhe dão. Aqui há tempos fomos levar as esmolas e levamos açúcar e a velhita do Carapinhal até chorou de alegria porque já há muito tempo que não bebia uma pinguita de café e o menino que lhe levou a esmola também chorou de contente. Os meninos do campo andam arranjar uma horta para a Conferência e é para ser semeada com couves, batatas, para os nossos pobres. Já entraram mais três meninos para a Conferência chamados João Augusto Esteves, Joaquim Cardoso e António Ferreira; gostam muito. Compramos mais batatas para os pobrezinhos. No dia da Imaculada Conceição comungaram todos os meninos da Conferência por ser sua padroeira. Já foi a carta para o Seminário da Figueira da Foz com vinte escudos de esmola e trinta escudos por ser dia de Finados e por ser o mês das Almas. O velhito das Miãs disse se a gente lhe levava pomada ademida e pomada colargol. Fomos levar a esmola ao velhito do Vale Salgueiro e o velhito ainda não tinha feito o curativo porque estava muito frio, ele também anda sempre com um saco na cabeça porque ele diz que só tem uma camisa para vestir e mandou pedir uma mas a gente não tem e vamos ver se algum dos assinantes se nos manda uma que nós agradeceremos muito.

O Secretário,

João Carlos Freitas.

UM dos gaiatos que andava à ervã correu ofegante a casa a trazer uma notícia: *lá em baixo uma raposa fez esta noite uma toca.*

A malta correu tãda a ver a grande novidade mas a imaginação infantil foi mais veloz. O das capoeiras veio logo dizer que já faltava uma galinha; o das coelheiras foi contar os coelhos. Um outro afirmava ter visto a raposa fugindo adiante dos cães e (oh! prodígio!) muito crente, o Luís fez crer aos mais ingénuos, que a raposa já tinha um ninho na toca com uns poucos de ovos que ela pôs!

O Augusto de seis anos, envolveu-se em desordem com o *balalaica* da mesma idade, enquanto guardavam as galinhas.

O chôro prolongado do Augusto atraiu a atenção do chefe:

—Que foi isso, Augustito?

—Foi o *balalaica* que me deu duas *dentadelas*.

—Eu não quero bulhas! Vá: dêem um abraço, um ao outro! Sejam amigos!

Os dois contendores abraçaram-se; e a tempestade acalmou.

—Ah! diz o Augusto: o *balalaica* já parece outrol!

O *bucha*, de palmo e meio, foi indigitado para a venda do «Gaiato».

Vender «O Gaiato»!... era honra que nunca julgou merecer.

Vender... Vender... e com esta idéia na cabeça, aí sai todo inchado, com o rôlo debaixo do braço: *O' meu senhor, venda-me «O Gaiato»!*

—Mas tu andas a vender ou a comprar?

—Não senhor. Vá, ande lá: *Venda-me o «Gaiato».*

Tanta graça lhe achavam, que o rôlo desapareceu num instante.

OS vendedores de Coimbra estão a captar a simpatia do público. São já numerosas as pessoas que os fazem sentar à sua mesa.

Um dêles foi convidado a lanchar na casa do Ill.^{mo} Juiz do Tribunal de Menores. V. Ex.^a conhece, Senhor Juiz, tão bem ou melhor que nós a desgraça que vai por êsses bêcos e vielas onde nascem e se fazem os criminosos que lhe passam pelas mãos. Luciano, *balalaica*, Antonito, João, etc. que nós hoje ciosamente guardamos, foram dêsses. Quantas vezes não terá o bondoso coração de V. Ex.^a chorado de máguá perante tantas miserias que não pode resolver. E' pai; adora os seus filhos, não quere para êles o abismo em que vê sumirem-se os dos outros. Por isso com tanto amor acolhe os nossos.

—O Fernando apareceu radiante com um feixe de brinquedos para o Rui e Tonito.

—O *cegonha* e *chau-ca-ché* voltaram enfarfelados em quentes camisolas. Trouxeram mais uma dezena doutras para outros.

—Noutra ocasião um bom amigo da Rua da Sofia confiou-lhes um enorme arco. Tinha sido o seu companheiro de criança. Guardou-o como reliquia. Quantas outras reliquias estarão por aí guardadas e que poderiam, como esta, contribuir para a alegria e regeneração dos infelizes...

—Dois ardinãs, depois do jantar, trouxeram a missão de sufragar a alma dum chorado filho. Recados dêstes são transmitidos e despachados com um cuidado extremo. Tem sucedido encontrar, à noite, aos pés da cama, o pequito a rezar uma A. M. por uma intenção que há mais de um ano lhe foi recomendada. —*Olhe que não rezamos ainda pelo senhor que ofereceu a capela de Paço de Sousa* — lembra o Zé Maria.

AO chegar de Coimbra, em certa ocasião, notei grande alvoroço à entrada da casa. Quasi todos se levantavam da mesa e corriam para o portão. Ia a chamar a contas o chefe da mesa, quando dou com os olhos neste quadro lindo: os gaiatos, a bicha, metiam o seu pão no alforge dum mendigo que acabava de chegar.

Este não cabia em si de contente e perguntava:

—Donde são vocês, meninos!

—Da vadiagem, tiozinho!

—Da vadiagem!... ah! ah! eu não acredito.

ESTE NÚMERO DE

“O GAIATO” FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

DO QUE NÓS

NECESSITAMOS

Mais mil escudos no Pôrto. Mais roupas preciosas de Mező-Frio, mais 100\$00 de Lisboa para as «conferências» de Paço-de-Sousa e de Miranda, mais 500\$00 do Pôrto idem idem. Mais piões.

Mais uma chuva miudinha, num dia de lindo sol, em que o Pôrto me viu passar. Ai! que lindos olhos que a cidade tem! Em uma barbearia, nos eléctricos, em uma igreja, nas lages das ruas—todos à uma, veem declarar que amam o lixo; que me quere ajudar a apanhar o lixo!

Até no combóio, de regresso à nossa *Aldeia*, dois subditos da Inglaterra e alguns de Portugal abrem os seus tesoiros em homenagem aos até aqui Desconhecidos.

Mais 260\$00 de *O Comércio do Pôrto*. Mais aqueles 50\$00 certos e mensais do Pessoal da Vacuum. Mais 20\$00 da Murtosa. E já agora, que estamos na Murtosa—sim senhor. Mande. O monograma não faz mal. A camisola do José Maria, deve vir endereçada ao próprio. Publica-se o vosso desejo, mas que venha a película.

Mais 3 quintais de bacalhau, do Grémio. Foram por êles o Sérgio, o Pepe, o Luciano, o Celorico e o Durães.

Como temos fartura damos agora de manhã um delicioso caldo de cebola, arroz e bacalhau. Os rapazes lambem os pratos! Mais 20\$00 para os *Pobres de Christo*. Mais 20\$00 para o Natal. Mais idem, idem. Mais 40\$00 idem de J. L. Mais 500\$00 idem, de Coimbra. Mais 1.000\$00 de Lisboa. Mais no Depósito um anel e 50\$00. Mais na Casa Nun'Alvares 50\$00 e 20\$00. Mais na Casa do Ardina 200\$00. Mais um anel. Mais um depósito de 415\$00, com indicação de ter sido lebre corrida na festa de um casamento, levantada por *Zé Alguém*, o qual pede felicidades para os Espôsos, para os convivas e para o grande propagandista dessa *Casa Zé Ninguém no 1, velh e bom amigo*. A confusão cresce cada vez mais. *O Zé Alguém*, é mais um ponto de discordia que nos aparece agora.

Mais, no Depósito, uma nota de 500\$00 dentro de um envelope. Mais no mesmo sítio, uma carta de letra e iniciais conhecidas a oferecer roupas e um par de brincos de pérolas e brilhantes, *de quando eu era menina*.

Mais no derradeiro sábado, no Pôrto, um pequenino dilúvio de tome lá para o Natal dos gaiatos. Uns perguntam se eu sou o Padre Américo. Outros já sabem que eu sou eu. Todos gostam de abrir as mãos.

Mais dois contos de Lisboa, mais 400\$ idem, mais notas no Rápido e o primeiro almôço e o segundo almôço com Colares branco e café e também tabaco, se eu quisesse fumar. Mais cinco contos na Invicta, e um dito na mesma, e uma caixa de Pôrto Wine, coisa fina, mais 265\$ de uma subscrição entre o Pessoal de um Grémio. Os Grémios às vezes acertam. Mais um fio de oiro. Mais 200\$ do Pôrto. Mais 132\$ do Porto. Mais outra subscrição do Pessoal de um Escritório. Mais bacalhau e óleo do dito, de lhavo, Mais 50\$ do Porto. Mais 107\$50 do Porto. Mais 200\$ de um visitante.

Mais 500\$00 da Atlântic. Parece que os companheiros conversaram! Já três dêles falaram e todos disseram o mesmo. Mais 100\$00 da capital. Há muito mais a dizer, que se eu tivera tempo e espaço, tudo aqui relataria. Por hoje, tenho dito.

Doutrina Social

Continuação da primeira página

bandidos com os quais a policia armada hoje se mede, são, em regra, vocações do lixo das ruas que nós não soubemos aproveitar.

Venho têr a mensagem dos pequeninos. Trago um recado para cada um dos ovinhos de mando da comunidade inteira das casas do gaiato. Eles não pedem esmola, que não é próprio do trabalho o mendigar; e êles são trabalhadores de primeira linha. O que êles pedem é que os auxílios a prosseguir na construção da aldeia. Eles não se queixam da sociedade que os abandona, e tinham razões para isso! Não se queixam, que são generosos. Eles quere pagar o mal com o bem, à moda do Evangelho. Pretendem formar-se na escola do bem dentro da própria aldeia que desejam construir, afim de saírem para o mundo úteis à sociedade, feitos portugueses de lei. Isto é o que êles quere; isto é o que eu peço para êles. Dize onde moras e como te chamas, que nós mandamos buscar a oferta; ou deixa ficar no 54 da rua dos Clérigos.

Notas de Viagem

Continuação da primeira página

um Amigo, e eu não posso fazer preços desiguais para evitar melindres.

O senhor dos Ministérios achou muito caro e ficamos amigos como dantes.

No cofre do Alexandre de Almeida

havia oiro para mim e na Casa do Ardina, da mesma sorte; —de Ninguém! Topei na rua o Zé Ninguém de Lisboa. Fui à redacção da «Voz» buscar umas lascas que lá estavam para mim. Tive nas ruas alguns *come lá e aqui tem*, regresssei pelo mesmo caminho e encontro-me actualmente em Paço-de-Sousa, à espera das tuas ordens.

CARTA DE LISBOA

"A Festa de Natal do ardina será linda, linda, na medida das generosidades para com o ardina e a sua "Casa"!!...

Queria falar-te hoje do "Natal do Ardina" e encher-te a alma, "Gaiato" e leitor amigo, de ardinadas e... Natal!!

E' que, como de costume, tomámos sôbre os ombros uma empresa que será realizada por todos e não por nós:

As "Noélistas—Madrinhas dos Ardinadas" irão na véspera de Natal levar a consoada á familia do ardina, bem como um presente a cada membro da familia e uma camisola quentinha ao ardina! Serão visitados assim: 250 ardinadas e as respectivas familias. Haverá festa e alegria em cada lar. Pão e carinho...

Os 35 ardinadas da "Casa do Ardina" irão com as "Madrinhas" de casa em casa, ajudando-as na missão de luz e amor aos outros ardinadas, áquelles a quem só chegamos, por enquanto, por meio de visitas sociais...

Levar consoadas, camisolas e presentes a 250 familias!!...

E até á data, apenas temos para 6... e as contas de Novembro fôram pela "tangente", como de costume...

Pala o Periquito

Eu lá andava a brincar a fazer coisas feias, roubava dinheiro para comprar cigarros, outras vezes para comprar pão, batia aos mais pequenos e grandes sem ter medo de levar delles, e andava na estação da Granja, pedia, roubava principalmente fruta e outras que fossem de comer. Eu não era ladrão mas os outros encaminhavam-me para ir roubar. Andava ás malas na estação para ganhar dinheiro, e o dinheiro que me davam dava-o á minha mãe que ficava toda contente. Uma vez ia para a igreja de lá da terra para a beira da porta onde uma senhora pedia para a creche e ela ia dar a sopa para a casa da Sr.^a D. Maria Leonor e eu aproveitava essa ocasião para ir roubar o dinheiro e ia para Espinho gastá-lo. Uma vez eu e o Chinês fugimos para Espinho, comer arroz e beber vinho. Mas nisto passa um homem e pede-nos um cigarro, porque a gente estava a fumar e nós não lhe demos e êle foi ter com o chete de lá e nós fomos prêsos. Levamos bolos nas mãos e depois êle telefonou para a Granja e a minha mãe e a do Chinês foram logo buscar-nos todas affitas e quando chegamos a casa as nossas mães deram-nos uma trepa, mas ainda assim continuamos sempre a roubar. Uma vez cheguei muito tarde a casa e depois vim para o Pôrto e estive na Cadeia 2 horas porque foi á capela e mais o Chinês e dois irmãos dêle tocar órgão, os dois irmãos dançavam e eu e êle tocavamos, e depois veio o Sr. P.^c Mesquita com uma bengala e deu-nos purrada com ela.

Roubei dez escudos ao meu avô no dia em que vim da cadeia. De uma vez entrei dentro de uma casa e roubei brôa para comer. Entrei dentro de outra casa e roubei brôa e dinheiro e pintava lá a macaca.

Agora estou na Casa do Gaiato. Sou o chefe de camarata e roupeiro.

O Periquito é um dos mais populares da casa e o nome mais conhecido dos nossos leitores. Nem o Tiro-líro lhe leva a palma. Na escola, dá muito pouco. Não tem gosto. E' um caso difficil, mas não desesperado. Tem 14 anos. Veio absolutamente analfabeto. Frequenta a escola nocturna.

O que mais espanta neste rapaz traquina é observar a maneira como êle se aplica aos trabalhos de que está incumbido, êle que era ontem o que hoje aqui declara!

A CASA DO ARDINA

Estamos loucos, dirás. Nós e os ardinadas. Damos-te razão, se não fôsse má-língua contigo próprio, que nos lês... Tu hás-de ajudar-nos! Confiamos em ti!...

Loucuras, pedem loucuras. Amor ao ardina, pede amor ao ardina, á sua Obra. E... Cá esperamos cheios de confiança com as mãos vazias, mas erguidas ao Céu em prece!

O "Natal do Ardina" está á conta de Deus, á tua conta, leitor amigo.

Assim como a "Casa do Ardina"...

Queres que te leia o Livro do Registro das Generosidades de Novembro?

Aqui vai:

Dia 1—Dia aniversário da "Obra do Ardina": 20\$00 duma Noélista da Estrêla, Livros e Revistas e medicamentos doutras de S. Sebastião:

Dia 2—Do ardina *Adelino Marques*—Flores para a capela.

De um "vélho amigo da Obra", de alguém que teve a grande generosidade de ajudar e acompanhar de perto os primeiros passos da "Casa do Ardina"—50\$00. Em nome dos ardinadas: a nossa gratidão sempre... nova para tanta caridade!

Dia 3—Uma Senhora do Porto deixou-nos nas mãos—50\$00 e a promessa de mais!... Trocas curiosas. Lisboa dá á "Obra do Gaiato", Porto á "Obra do Ardina"...

Dia 4—Uma visitante da Praia da Rocha trouxe-nos 50\$00, e uma Noélista da Encarnação uma mala cheia de medicamentos, que vieram muito a tempo e horas. Não esqueças que a Consulta médica da "Casa do Ardina" é para todos os ardinadas de Lisboa! Se conheces algum que precise de tratamento é mandá-lo á Calçada da Glória, 39 numa 2.^a 4.^a ou 6.^a pelas 15 horas. Atendemos sempre.

Dia 5—Uma visita e 2\$50.
Dia 6—De Silves enviaram-nos 4 medicamentos. Uma Noélista de S. Mamede deu-nos 2\$00.
Dia 7—Do Núcleo da Sagrada Família entregaram-nos o paramento branco prometido, que se juntou ao que tínhamos (encarnado)... Faltam-nos os outros, e uma alva, ao menos!...

Dia 8—De uma Noélista de S. Sebastião, mais um banco de carpinteiro! Ainda temos lugar para outro, se quizeres dar!...

Dia 9—Um visitante deixou nas mãos dos ardinadas—50\$00. Do Grémio da Imprensa Diária—100\$00. Dum sacerdote do Alentejo—20\$00.

Dia 10—Das Irmãs da União Gráfica—17\$50 (cadernetas) Do ardina José Gomes de Oliveira uma cautela para o Natal! "Deus queira tenha a... taluda"! Disse-nos êle, dizemos nós...

Dia 11—De uma Noélista de S. Sebastião—um casaco e de uma garôta amiga da "Casa do Ardina" um livro de leitura.

Dia 12—Do Douro enviaram-nos em "grande velocidade" (sic) uma saca de castanhas e outra de figos!... Obrigada! A' porta entregaram-nos revistas com gravuras, por saberem que é o que os ardinadas gostam.

Dia 13—De um visitante—100\$00. Agradecemos então e... hoje.

Dia 14—De uma Noélista—raquetes de ping-pong e illustrações, e um visitante chamou-nos para nos entregar 50\$00! Bem-baja.

Dia 15—Vieram entregar á porta sem dizer de onde vinha: Feijão, grão e massa. Ótimo! Agradecemos á Providência Divina!...

De uma aluna da Faculdade de Letras: 12 copos de água!

Dia 16—100 Revistas 1640, enviadas pelo Director, para serem vendidas no dia 1 de Dezembro a favor da Obra—70\$00. Nem temos palavras

para agradecer as que fôram dirigidas á "Casa do Ardina"! Do mesmo benemérito de sempre: madeira para a oficina!...

Dias 18 e 19—O ardina e a sua "Casa" caíram no esquecimento...

Dia 20—Generosidade recuperada! Graças a Deus! Uma senhora trouxe-nos castanhas e 50\$00. Prometeu trazer alguém que se pode interessar pela obra, dando-nos outra Casa! (Cá esperamos a visita prometida e a... Casa!).

Um emprêgo para o João Pereira, dum patrão que soube vir ter connosco por ter confiança nos nossos rapazes!

De uma Noélista da Estrêla: uma linda marquês para o Consultório médico, e uma bicicleta de senhora para ser vendida a favor da "Casa". Quem a quer? Vendemo-la a quem der mais, está claro!... E aceitámos "ofertas".

Da professora: Flôres para a capela.

Dia 21—Ficámos a dar graças pelo dia de ontem!...

Dia 22—Dum Sacerdote do Alentejo—20\$00 (parece que passaram... palavra, não parece?) Duma Noélista de S. Sebastião 5\$00. Uma visitante deixou-nos nas mãos—20\$00.

Dia 23—Duma "Teresinha" castanhas e 5\$00, tudo dado por ela!

Dia 24—Um visitante veio trazer-nos 100\$00 e uma senhora 20\$00, juntando-lhes palavras de interesse, de estímulo. Bem-hajam!

Dia 25—Das A. L. de S. Mamede—200\$00 para... Benacão.

Dia 26—Dum rapaz de Vizeu, as suas economias: 20\$00!...

Dia 27—Paragem nos corações... Porque seria?

Dia 28—Da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco a Jesus—100\$00.

Dia 29—Da "Casa Pia da Evora": 20\$00 e umas palavras que muito nos animaram a proseguir! Obrigada! Nas "Novidades" estavam 250\$00!...

Uma Noélista do Porto deixou-nos nas mãos—70\$00! Uma rapariga amiga, todo o dinheiro que trazia consigo, com pena de não ter mais do que... 9\$00!

De Silves, chegaram-nos ás mãos, mais 2 medicamentos.

Dia 30—Em "A Voz" estavam—300\$00 para a "Casa do Ardina" de alguém que muito nos tem ajudado também. Bem haja!

Do Sindicato de Vendedores de Jornal—50\$00! E a melhor das colaborações!

E' pouco? Sim, mas esperamos mais, muito mais, cada vez mais...

Esperemos que a "Festa do Natal do Ardina" tenha o sentido cristão e familiar que já experimentámos noutros anos, mas que em 1944 marque mais um passo em frente!...

Consoadas, camisolas, guloseimas, camisas, colchões, lençóis, cobertores, roupa nova e usada, brinquedos, etc. etc. Tudo serve. Tudo será para conforto e alegria do ardina, dos pais, dos avós, dos irmãos pequeninos!... Na casa dêles, no lar dêles!... Unir num mesmo carinho assistencial—pais e filhos, filhos e pais!...

250 ardinadas e as respectivas familias em acção de graças no dia de Natal!... Deus queira!

No ano passado dois dos nossos ardinadas, o Ildio e o Luis, ao saberem da romagem de Natal das "Noélistas-madrinhas dos Ardinadas", souberam preparar festivamente a sua casa, caçando-a e alindando-a para êsse dia!...

Dia do Natal!... Fêz-se luz no mundo há 1944 anos!...

Não queres que ela chegue, passados tantos séculos, ás "Familias dos Ardinadas"?... MARIA LUISA

De como correu a venda do jornal

e onde se faz um pedido

Os vendedores do costume venderam mil-e-quinhetos "Gaiatos" no sábado, dia 9 do corrente e seguinte. Cada um despachou livros dos nossos. Alguns trouxeram assinaturas novas. Outros indicação do endereço de mais livros, que os senhores pagavam adiantadamente.

O Luciano, entregou cem escudos que lhe deram para as rabanadas, e muitos outros entregaram muitas outras esmoladas sem rótulo, que são as melhores.

Comeram em casa de várias familias.

Amadeu de Elvas, que costumava ir sempre na companhia de outro a casa da *senhora de Elvas*, mandou outro na vez dele, e foi com o irmão a casa do *senhor das botas*. Quando me viu, largou a correr para onde eu estava: *sabe uma coisa, a senhora do senhor das botas vai-me dar umas botas!*

O Oscar contou á malta que a senhora da casa lhe dera um beijo e que o senhor chegou *num automóvel atestado e lhe dera uma mãosada*; isto onde êle comeu.

Os dez pequeninos vendedores tinham muito mais coisas para dizer, mas o nosso ponto de reunião desta vez foi no Pôrto. Eles tinham de partir para Cete e eu para Lisboa, de forma que com um beijo nos despedimos, para não ser só a *senhora da casa* a beijar.

Eu ando um nadinha alarmado com os convites e pedidos de deixar ir os nossos gaiatos, comer em casas de familia, no Pôrto. Além dos convites directos a êles e dos pedidos feitos a mim, nas Emissoras, aquando do peditório último, houve um ror de pessoas que deram nome e morada, para que os rapazes se vão sentar ás suas mesas. Isto é simplesmente agradável. E' a bondade dos Tripeiros que trasborda. Mas não pode ser. Não deve ser. Eu peço e espero que o povo do Pôrto me ajude a manter o equilibrio da obra.

Há muitos e sérios inconvenientes nesta sorte de dispersões. Se os gaiatos não voltarem ás vossas casas nos dias de venda dos jornais, é o bem da obra que assim o pede: Não me levem isso a mal. Saiba privar-se do natural prazer de sentar hoje á sua mesa o pequenino asseado, quem tão divinamente sabe compadecer-se de o ver nas ruas, sujo e abandonado.

Se a nossa obra, pela sua natureza, não pode ser silenciosa, que seja ao menos equilibrada. Não percamos o sentido das proporções, que é justamente o segredo da beleza.

Espero que todos compreendam e aceitem o meu ponto de vista, a bem de um Portugal melhor.

Assinaturas pagas

Maria Vieira Ferreira, idem 25\$00; Maria Aurora Santos Coelho, de Coimbra 30\$00; Maria Emilia Nascimento, do Pôrto 20\$00; Alcindo Lopes Coelho, idem 20\$00; Manuel José Roças, idem 20\$00; Martignano da Silva, idem 20\$00; Afonso de Campos, idem 40\$00; Elvira Silva, idem 20\$00; Matilde Júlia Lopes Martins Coelho, idem 50\$00; José Pereira Bernardino, do Bombaral 50\$00; Afonso Henriques Pereira Rodrigues, de Ermejinde 20\$00; Manuel Baptista Canas de Algueirão 20\$00.

Emilia da Costa Arújo do Pôrto 25\$00; Francisco Andrade Martins de Casalcelo 25\$00; Emilia Ferreira de Sousa Leite, de Ribeira de Pena 20\$00.

REDACÇÃO
Casa
P A C

REDACÇÃO

Casa

P A C

Un

Un

Não necessi
Um ca
cer me
feita. E
O ten
dinheir

A n
verligr
devem
Eu c

Mes
fundad
tos. Pe
meiro l
Os nos
por de
eu dig
devo.

Não
homen
que eu
Da
Não

nem d
mulêta
lar!...
tarde,
AGO
útil!
tendo
doença
creança
o sol.

Dar
carros
O q
na nos
gotável
grande
nossas
Con

O
simpáti
há tem
pesado
do, êst
para tr
numa
está ai
sol far
sai cor
lado de
todos
esqueci
lugar. C
carro d
tudo, t
palavra
P. S.